

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Melissa dos Santos Alt

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS

Prof.^a. Dr.^a. Maria Lucia Tiellet Nunes
Orientadora

Porto Alegre - 2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS

Melissa dos Santos Alt

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Tiellet Nunes
Orientadora

Porto Alegre, Janeiro de 2008

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A465a

Alt, Melissa dos Santos

Avaliação psicológica de crianças. Porto Alegre, 2008.

53 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - PUCRS, Fac. de Psicologia.

Professor orientador: Dr. Maria Lucia Tiellet Nunes.

1. Psicologia Clínica - Crianças 2. Avaliação Psicológica - Crianças. 3. Técnicas Projetivas (Psicologia) 4. Técnicas Objetivas (Psicologia). 5. Teste das Fábulas (Psicologia). 6. CBCL (Psicologia) 7. Testes (Psicologia) – Avaliação. 8. Testes Psicológicos – Avaliação. I. Título.

CDD: 155.4
157.9

Alessandra Pinto Fagundes
Bibliotecária

CRB10/1

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Melissa dos Santos Alt

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr. Maria Lúcia Tiellet Nunes

PRESIDENTE

Prof^ª. Dr. Silvia Pereira da Cruz Benetti

UNISINOS

Prof^ª. Dr Rita de Cássia Petrarca Teixeira

ULBRA

Ao Rodrigo, pelo companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com carinho às pessoas que me ajudaram a construir esse trabalho.

A minha querida orientadora professora Dr^a. Maria Lucia, pela oportunidade de termos trabalhado juntas.

Aos meus pais, João Luiz e Gladis, pelo incentivo e exemplo de coragem.

Ao meu padrasto Telmo, por estar sempre me acompanhando nos momentos importantes.

Aos meus irmãos, Camila e Felipe pela nossa relação fraterna de muita união e afeto.

À amiga Ticiania Schossler, pelo apoio e carinho.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa por termos compartilhado bons momentos de trabalho.

Agradeço aos psicólogos, às instituições e às crianças que participaram da pesquisa.

Muito Obrigada!!!

SUMÁRIO

Resumo	08
Abstract	09
Apresentação	10
Referências Bibliográficas	12
Seção I - Testes Objetivos e Testes Projetivos: Seu Lugar na Avaliação Psicológica	14
Introdução.....	14
História.....	15
Debates.....	16
Considerações Finais.....	21
Referências Bibliográficas.....	22
Seção II - Avaliação Psicológica de Crianças: da Necessidade de Testes Projetivos e Objetivos	24
Introdução.....	25
Objetivos.....	29
Método.....	29
Apresentação e Discussão dos Resultados.....	32
Considerações Finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	43
Considerações Finais	46
Referências Bibliográficas.....	47
Anexos	48
Anexo I - Histórias Originais do Teste das Fábulas.....	49
Anexo II - Instruções para o Trabalho.....	51
Anexo III – Carta Convite.....	53

TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das crianças por sexo e idade.....	30
Tabela 2 - Valores e Interpretações para a Medida Kappa.....	31
Tabela 3 - Concordância entre juízes em relação aos comportamentos alocados às verbalizações ao teste das Fábulas classificados pelo CBCL de modo geral.....	32
Tabela 4 - Concordância entre juízes sobre o comportamento quebrar-regras por fábula.....	35
Tabela 5 - Concordância entre juízes sobre o comportamento agressivo por fábula.....	36
Tabela 6 - Concordância entre juízes sobre o comportamento de isolamento por fábula.....	37
Tabela 7 - Concordância entre juízes sobre o comportamento ansiedade/depressão por fábula.....	37
Tabela 8 - Concordância entre juízes sobre o comportamento queixas somáticas por fábula.....	38
Tabela 9 - Medidas Kappa por Comportamento.....	39
Tabela 10 - Medidas Kappa por Fábula/Comportamento.....	39

RESUMO

A presente dissertação de mestrado é composta por duas seções. Na primeira foi realizada uma revisão teórica sobre Testes Objetivos e Testes Projetivos: Seu Lugar na Avaliação Psicológica. Até os dias de hoje, mesmo com uma rica história e comprovada utilidade, as medidas psicológicas geram discussões árduas entre os psicólogos e um desses debates refere-se ao *status* dos instrumentos projetivos e objetivos. Também são abordados aspectos positivos, negativos, vantagens e desvantagens e as diferenças dessas duas técnicas. Por fim, é sugerido que os psicólogos têm a disposição duas modalidades de testes e devem aproveitá-las, ao invés de focalizar as dificuldades e não respeitar um ou outro tipo de testes. A segunda seção envolve avaliação psicológica de crianças. Teve por objetivo verificar a concordância entre juízes em verbalização de crianças ao Teste das Fábulas, segundo categorias de comportamento internalizante e externalizante oriundas do CBCL. Para isso foram utilizados 60 protocolos do Teste das Fábulas de crianças de 8 a 10 anos. Participaram da pesquisa 55 juízes (psicólogos clínicos, que seguem a teoria psicanalítica, que atendem crianças e estão formados no mínimo há três anos). Aos juízes foram entregues verbalizações das crianças ao Teste das Fábulas e um formulário contendo instruções para classificação das verbalizações das crianças ao Teste das Fábulas segundo categorias do CBCL. A tarefa era verificar a presença de tais categorias de problemas em cada história que a criança produziu no teste. Cada criança teve sua produção no Teste das Fábulas analisada por três juízes, cujo nível de concordância foi examinado através da medida Kappa. Em relação aos comportamentos identificados via CBCL nas verbalizações ao Teste das Fábulas o Kappa entre juízes foi moderado (de Kappa 0,411 para o comportamento de quebrar regras a 0,508 para o comportamento de queixas somáticas); em relação aos temas que as fábulas propõem a interpretação para os valores Kappa variou de substancial a quase perfeita (na fábula do Objeto foi de 0,745 e na fábula do Aniversário, 0,849). Esses resultados permitem demonstrar que houve concordância com valores de tal ordem que é possível afirmar ter a criança se manifestado projetivamente de tal forma que os juízes puderam classificar seu comportamento.

Palavras Chave: Testes projetivos, testes objetivos, avaliação Psicológica de crianças.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Sub-área conforme classificação do CNPq:

7.07.01.00-8 (Fundamentos da Medida Psicológica)

7.07.10.01-5 (Intervenção Terapêutica)

ABSTRACT

This master's dissertation has two sections. The first one is a literature review about objective tests and projective tests: its place in psychological evaluation. Even till today regardless of the rich history and proved utility, psychological measurement gives origin to hard discussions amongst psychologists and part of the debate is about the *status* of projective and objective instruments. Positive and negative aspects, vantages and advantages and differences in both techniques are discussed. It is suggested that psychologist having at disposal the two possibilities of tests should take profit of such circumstances instead of focusing in their difficulties and in not respecting both kinds of tests. The second section deals with psychological evaluation of children. Its objective was to verify the concordance among judges regarding the verbatim of children to the Fables Test via CBCL categories. The task consisted in verifying such categories of problems in each story the child created in the test. Each child had its production to the Fables test examined by three judges and their concordance level was calculated by Kappa. Taking in account the behavior identified via CBCL to the verbatim to the Fables Test the Kappa between judges was moderate (Kappa 0,411 for the behavior of breaking rules to 0,508 to somatic complains); regarding themes of the Fables Test Kappa values ran from substantial to almost perfect (Object fable with Kappa equals 0,745 and Anniversary Fable with Kappa equals 0,849). These results permit to demonstrate concordance with such values that turned possible to enunciate that a child manifests itself projectively in such a way that judges are able to classify its behavior.

Key-Words: Projective tests, objective tests, psychological evaluation of children.

CNPq classification of areas: 7.07.00.00-1 (Psychology)

Sub-area according to CNPq:

7.07.01.00-8 (Psychological Measurement)

7.07.10.01-5 (Therapeutic Intervention)

APRESENTAÇÃO

Essa dissertação de mestrado está inserida no grupo de pesquisa “Formação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica”, coordenado pela professora Dr^a. Maria Lúcia Tiellet Nunes, vinculada à linha de pesquisa em Psicologia Clínica “Intervenções Psicoterapêuticas”, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS. A dissertação faz parte da temática da Avaliação Psicológica, uma das áreas em que o grupo realiza estudos.

Desde o início da história da humanidade foi percebida a importância de conhecer as características dos indivíduos e também aquelas do meio ambiente para poder garantir a sobrevivência dos seres humanos (Medeiros, 1999).

A imersão de todos nós num mundo de avaliação oportuniza e até impele que leigos e profissionais discutam os assim chamados *testes*. Tal discussão, de forma alguma, é fácil (Nunes & Levenfus, 2002).

Mesmo com sua rica história e sua comprovada utilidade, as medidas psicológicas geram discussões árduas entre os psicólogos hoje, sempre e constantemente, segundo diversos estudiosos da medida e dos testes (Hansemark, 1997; Pasquali, 2001; Amaral & Casado, 2006; Meyer & Kurtz, 2006). Períodos de crítica aos testes e a todos os instrumentos de medida têm caráter cíclico e, em determinadas épocas, se tornam mais marcados pela negação e pelo ceticismo (Amaral & Casado, 2006).

Independente de a avaliação psicológica estar no cerne da identidade dos psicólogos, a discussão não pode ser pautada de forma simplista sobre gostar ou não, usar ou não testes, defender ou atacar testes como se os mesmos fossem independentes de todo o seu processo de construção ou do profissional que os usam ou do uso que deles se fazem (Rosa, 1997); nem se trata de confrontar opiniões pessoais muito menos *brigas*; mas a discussão deve ir além dos testes em si para abarcar as idéias de ciência, as concepções de homem e de sociedade (Patto, 2000).

O interesse pela temática da avaliação psicológica aconteceu devido a discussões entre os profissionais quanto aos instrumentos psicológicos como também ao processo da avaliação psicológica, mais especificamente quanto ao psicodiagnóstico infantil.

Em se tratando de crianças, é muito importante atentar para os dados que seguem: O relatório da *World Health Organization*, publicado em 2001, apontou que 400 milhões de pessoas no mundo possuem algum tipo de sofrimento psíquico; destas, cerca de 17 milhões são crianças latino-americanas com idades entre 5 e 7 anos; as crianças são as usuárias mais frequentes dos Serviços e Clínicas-Escola de Psicologia (Silvares, Meyer, Santos & Gerencer, 2006);

A identificação de problemas psiquiátricos na infância e adolescência é um desafio para os profissionais que vai além da identificação dos transtornos mentais em adultos. A criança encontra-se em determinado período de desenvolvimento, no qual a sua capacidade de expressar desconforto oriundo de uma fonte interna é limitada. Seus problemas emocionais comumente se expressam através de comportamentos desadaptados e desviantes, dificilmente associados pela criança a um sofrimento interno. Para realizar diagnóstico competente nessa faixa etária são necessários procedimentos de avaliação cuidadosos e abrangentes e também a utilização de várias fontes de informação, como pais, professores, pediatras e outros (Bird & Duarte, 2002).

Para demonstrar as idéias de que múltiplos instrumentos e variadas fontes de informação no psicodiagnóstico de crianças são importantes, essa dissertação apresenta duas seções.

A primeira seção dessa dissertação é uma revisão bibliográfica intitulada “Testes Objetivos e Testes Projetivos: Seu Lugar na Avaliação Psicológica”. No final do século XX e início do século XXI, debates sobre os métodos científicos, empregados na investigação da personalidade, também se fazem presentes e se referem, dentre outros aspectos, à questionável divisão das abordagens técnicas (Hasenwark, 1997; Meyer & Kurtz, 2006) em projetivas e objetivas (Formiga & Mello, 2000; Amaral & Casado, 2006), termos que aparecem em artigos científicos ou em livros tão firmes, seguros, que é comum mesmo ter essa classificação nos programas dos cursos de graduação.

Defender uma posição extrema entre testes psicométricos versus testes projetivos evidencia, de acordo com Formiga & Melo (2000), a falta de informação dos momentos histórico, filosófico e social que influenciaram a psicologia como elementos importantes na ciência psicológica. Na realidade, para Masling (1997), os psicólogos deveriam aproveitar a circunstância de ter a disposição duas formas

distintas de avaliar o comportamento humano; melhor seria avaliar e adotar tais diferenças ao invés de centrar nas dificuldades e não respeitar um tipo ao outro de testes.

A segunda seção consiste em pesquisa empírica intitulada “Avaliação Psicológica de Crianças: da Necessidade de Testes Projetivos e Objetivos”. O estudo contou com o material oriundo da participação de 60 crianças de 8 a 10 anos, que responderam ao Teste das Fábulas, e também com 55 juízes (psicólogos e psicoterapeutas infantis que seguem o referencial psicanalítico). O objetivo foi verificar a concordância entre juízes na verbalização das crianças ao Teste das Fábulas, segundo categorias internalizantes e externalizantes advindas do (CBCL), sigla para *Child Behavior Checklist* (Achenbach, 2001). Com isso, buscou-se demonstrar que testes objetivos e projetivos podem e devem ser complementares.

Os problemas infantis não são fáceis de avaliar, de medir, embora existam à disposição instrumentos confiáveis e que claramente mostram validade de predição. Apesar disso, instrumentos apresentam limitações, muitos não tem amostras brasileiras adequadas e há escassez de testes para crianças em nosso meio. Os instrumentos projetivos e objetivos informam aspectos diferentes da mesma criança. Portanto, são de vital importância diversas fontes de informações sobre a criança, tanto de pais, professores, pessoas com quem a criança convive nos diversos ambientes em que frequenta. Dessa maneira, será possível obter características mais apuradas sobre a personalidade da criança e de seu entorno e, assim, teremos melhores condições de avaliá-la.

Referências Bibliográficas

- Achenbach T M. (2001) *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- Amaral, A. E. V. & Casado, L. P. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185-193.
- Bird, H. R. & Duarte, C. S. (2002). Dados epidemiológicos em psiquiatria infantil: orientando políticas de saúde mental. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24(4), 162-163.

- Formiga, N.S. & Mello, I. (2000). Testagem psicológica e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. *Psicologia Ciência e Profissão*, 20(2), 12-10.
- Hansemark, O. C. (1997). Objective versus projective measurement of need for achievement: the relation between TAT and CMPS. *Journal of Managerial Psychology*, 12(4), 280 - 287.
- Masling, J. M. (1997). On the nature and utility of projective tests and objective tests. *Journal of Personality Assessment*, 69(2), 257-270.
- Medeiros, E.B. (1999). *Medidas psico & lógicas: introdução à psicometria*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Meyer, G.J. & Kurtz, J. E. (2006). Advancing personality assessment terminology: time to retire “objective” and “projective” as personality test descriptors. *Journal of Personality Assessment*, 87(3), 223-225.
- Nunes, M.L. & Levenfus, R.S. (2002). O uso de testes psicológicos em orientação vocacional (pp.195-208). Em R.S. Levenfus, D.H.P. Soares & (Cols). *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (org). (2001). *Técnicas de exame psicológico: fundamentos das técnicas psicológicas* (vol1). São Paulo: Casa do psicólogo
- Patto, M.H. (2000). Para uma crítica da razão psicométrica. Em Patto, M.H. *Mutações do cativo: escritos de psicologia e política* (pp.65-83). São Paulo: Hacker Editores/Edusp.
- Rosa, M.D. (1997). A inserção dos testes psicológicos na psicologia atual. *Temas*, 53, 10-30.
- Silvares, E.F.M.; Meyer, S. B.; Santos, E.O.L.; & Gerencer, T. T. (2006). Um estudo em cinco clínicas-escolas brasileiras com a lista de verificação comportamental para crianças (CBCL). Em E.F.M. Silvares (Org). *Atendimento psicológico em clínicas-escola* (pp. 59-72). Campinas, São Paulo: Alínea.
- World Health Organization, (2001). Material disponível:
<<http://www.who.int/whr/2001/en/>>. Acesso em 27 de novembro de 2007.

SEÇÃO I: REVISÃO DA LITERATURA

TESTES OBJETIVOS E TESTES PROJETIVOS: SEU LUGAR NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Resumo: Esta seção consiste em revisão da literatura sobre testes projetivos e testes objetivos. É enfatizada a história, as características, os aspectos positivos e negativos, e também discussões entre os psicólogos, acerca dessas duas modalidades de instrumentos de avaliação psicológica. Por fim, sugere-se que os psicólogos, ao ter à disposição duas modalidades de testes, devem aproveitá-las, ao invés de focalizar as dificuldades e não respeitar um ou outro tipo de teste.

Palavras-Chave: Avaliação psicológica, testes objetivos, testes projetivos.

Abstract: This section consists in a literature review regarding projective and objective tests. Its history, characteristics, positive and negative aspects, as well as the discussion among psychologists, are emphasized. It is suggested that psychologists, having at disposal two forms of tests, should take advantage of this, instead of focusing in difficulties and not respecting one or another form of test.

Key-Words: Psychological evaluation, objective tests, projective tests.

Testes Objetivos e Testes Projetivos: Seu Lugar na Avaliação Psicológica

Introdução

Conhecer as características dos indivíduos e também aquelas do meio ambiente, para poder garantir a sobrevivência dos seres humanos, é uma experiência compartilhada pela humanidade desde sempre. Foram desenvolvidos diversos sistemas para registrar informações, para contar diferentes elementos – pessoas, animais, grãos, tempo... A contagem possibilitou significar grandezas através de números e, com regras para quantificar observações, ficou mais clara e exata a linguagem, e fenômenos puderam ser traduzidos, e foi estabelecida, segundo Medeiros (1999), a mensuração.

A partir do século XIX os fenômenos psíquicos passaram a ser compreendidos como mensuráveis (Cunha, 2000; Silva Junior & Ferraz, 2001). Foram eles os primeiros a serem estudados de modo quantitativo e experimental em termos de limiar, rapidez e grau de memorização de sensações, por exemplo. As pesquisas,

entretanto, tratavam uma única variável e não examinavam diferenças individuais (Medeiros, 1999). Com isso, era compreendido como erro o fato de um testando perceber um fenômeno de maneira distinta de outro, em condições idênticas e, portanto, a padronização das condições de observação dos participantes influenciou na construção dos primeiros testes psicológicos, conforme historiam Anastasi & Urbina (2000).

História

Francis Galton (1822-1911), biólogo inglês, é tido como o pai do movimento da testagem psicológica (Anastasi & Urbina, 2000), pois introduziu o estudo das diferenças individuais. O psicólogo americano James Mckeen Cattell (1860-1944) produziu as primeiras provas, denominadas “testes mentais” e os franceses Alfred Binet (1857-1911) e Théodore Simon (1873-1961) foram responsáveis pelo primeiro instrumento extenso para medir a capacidade mental de escolares. Foi a obra desses pesquisadores que impulsionou o movimento dos testes (Werlang & Argimon, 2003).

A área da testagem psicológica cresceu muito e depressa desde 1920, tendo produzido testes utilizados até os dias de hoje. Com o final da II Guerra Mundial (1939-1945), testes estandardizados, principalmente acadêmicos e de desempenho, tornaram-se muito comuns em todo o mundo, sendo que inúmeros testes de origem norte-americana, com o objetivo de medir habilidades e personalidade, foram traduzidos em muitas línguas (Aiken, 1997).

Além da Psicologia acadêmica, que muitos frutos ofereceu em termos de instrumentos de avaliação psicológica, também a psicanálise, por sua vez, vem apresentando importantes contribuições. O Teste de Associação de Palavras de Jung (1875-1961), em 1904, marcou influência nos testes projetivos que a ele se seguiram. Para a época, do ponto de vista da Psicologia experimental e acadêmica, a associação de idéias tinha apenas o caráter de função mental. Com a teoria psicanalítica, tais associações passaram a ser entendidas de outra forma, foram interpretadas como parte da história e dos conflitos do testando, que vinham à tona a partir do inconsciente; as manchas de tinta, desenvolvidas por Rorschach (1884-1922), e publicadas originalmente em 1921, passaram a ser consideradas prova de imaginação e interpretadas como prova da personalidade, reveladoras de características da personalidade do testando ao estruturar sua percepção das manchas (Anzieu, 1981).

Foram ainda os psicanalistas que iniciaram a técnica de desenhos e relato livre como testes projetivos, entendendo-os como semelhantes aos fenômenos dos sonhos

ou dos sintomas neuróticos; por exemplo, Henry Murray (1893-1988) criou o Teste de Apercepção Temática (TAT), nos Estados Unidos em 1935. Os desenhos, como técnicas projetivas, iniciaram em 1949 com Karl Koch que publicou o Teste da Árvore. Karen Machover (1902-1996), nos Estados Unidos, publicou o Teste do Desenho de uma Pessoa, em 1949 (Anzieu, 1981).

Mesmo com sua rica história e sua comprovada utilidade, as medidas psicológicas geram discussões árduas entre os psicólogos hoje, sempre e constantemente, segundo diversos estudiosos da medida e dos testes (Hansemark, 1997; Pasquali, 2003; Amaral & Casado, 2006; Meyer & Kurtz, 2006). Períodos de crítica aos testes e a todos os instrumentos de medida têm caráter cíclico e, em determinadas épocas, se tornam mais marcados pela negação e ceticismo (Amaral & Casado, 2006).

Debates

No final do século XX e início do século XXI, debates sobre os métodos científicos, empregados na investigação da personalidade, também se fazem presentes e se referem, dentre outros aspectos, à questionável divisão das abordagens técnicas (Hasenwark, 1997; Meyer & Kurtz, 2006) em projetivas e objetivas (Formiga & Mello, 2000; Amaral & Casado, 2006), termos que aparecem em artigos científicos ou em livros tão firmes, seguros, que é comum mesmo ter essa classificação nos programas dos cursos de graduação (Meyer & Kurtz, 2006).

Os testes psicológicos psicométricos são considerados objetivos, uma vez que facilitam a compreensão do material a ser observado, além de se caracterizarem por seguirem método científico. Já as técnicas projetivas eliciam a interpretação ampla pelo resgate do inconsciente e têm sua cientificidade discutida e isso se deve ao fato de que demonstra dados empíricos com dificuldade (Formiga & Mello, 2000).

Outra maneira de explicar essa forma dicotômica de classificar os instrumentos propõe que o termo objetivo caracterize aqueles em que o estímulo é um adjetivo, proposta (proposição), ou uma pergunta, apresentada para a pessoa a quem é solicitada indicar de forma acurada como tal característica a descreve. Para isso é utilizado um conjunto ou grupo limitado de opções de respostas fornecidas externamente, como por exemplo: verdadeiro ou falso, sim ou não, e escala *likert*. O psicólogo, que administra o instrumento, não precisa depender do seu julgamento para classificar ou julgar as respostas do testando, uma vez que a intenção de resposta é claramente indicada e pontuada de acordo com um crivo pré-existente. Julgar as

respostas é tarefa do testando e consiste em: interpretar a questão, interpretar as suas próprias características, se avaliar em relação aos outros da melhor forma que puder e decidir o grau em que as suas características estão de acordo (compatíveis, consistentes) com a sua personalidade e, finalmente, escolher se a informação presente no teste expressa sua resposta (Meyer & Kurtz, 2006).

Para Masling (1997), o motivo pelo qual os testes objetivos se tornaram tão populares está associado à habilidade do testando e pressupõem sua motivação para responder sinceramente às questões; são simples de administrar, fáceis de pontuar; alguns são feitos para tarefas que podem ser analisados no computador; existem instrumentos para inúmeras situações (avaliação psiquiátrica, seleção para emprego, orientação vocacional, dentre outros tantos).

Em relação aos testes projetivos, Franck (1939) cunhou a denominação “Métodos Projetivos”, com a qual explicava a semelhança entre os testes de Associação de Palavras de Jung, o Teste de Manchas de Tinta de Rorschach e o Teste de Apercepção Temática de Murray (TAT), e postulava que essas técnicas induziriam o indivíduo a revelar o seu jeito de organizar a experiência, o seu jeito de ver a vida, suas compreensões, significados, modelos e principalmente seus sentimentos e como isso seria possível numa investigação dinâmica e global da personalidade. Nos testes projetivos o estímulo fornecido ao testando é pouco estruturado, os padrões culturais são poucos e construídos de forma generalizada, de modo a favorecer a projeção da personalidade (Anzieu, 1981; Meyer & Kurtz, 2006). Assim, o termo projetivo é utilizado na área do psicodiagnóstico para caracterizar técnicas que estimulam o sujeito ao processo de projeção, embora tais técnicas também possam eliciar respostas que representem à lógica do material estímulo sendo por isso que o fenômeno da projeção ocorre também nas técnicas psicométricas, tendo em vista que manifestações do comportamento do indivíduo revelam a personalidade do testando em várias circunstâncias (Cunha & Nunes, 1996).

Com as técnicas projetivas fica ao pesquisador facilitada a captura do mundo simbólico do testando, mundo que, muitas vezes, é difícil de expressão através da linguagem verbal. Por exemplo, é isso que muitos artistas revelam – seu universo psíquico – através de sua arte e, de forma análoga, o testando se revela (Formiga & Mello, 2000).

Pasquali (2001) discute o principal elemento de diferenciação entre testes objetivos e projetivos: os primeiros têm por base a psicometria, as teorias da medida e

nesse caso, os números descrevem os fenômenos psicológicos; entretanto, no caso dos testes projetivos, que não partem da mesma fundamentação, ainda que se possam utilizar números, a base é a descrição lingüística.

Essa divisão, de fato, não diz respeito apenas aos tipos de testes, mas, conforme esclarecem Alchieri & Cruz (2003), se referem à caracterização entre métodos de captação dos fenômenos: nomotético e idiográfico. O método nomotético caracteriza o aspecto universal da personalidade - o comportamento geral; também denominado escola impressionista, posição peculiar o uso de testes projetivos. O segundo método busca aspectos específicos e singulares da personalidade e, para tal, faz uso dos testes psicométricos. Ou seja, as informações viabilizadas pelos instrumentos de medida projetiva e objetiva são acessadas em níveis diferentes; instrumentos de medida objetiva como escala de auto-relatos; e de medidas projetivas como o TAT e o Rorschach, captam aspectos distintos de um mesmo estado motivacional (Bornstein, 2002).

Os testes psicológicos têm seu próprio vocabulário e classificação. Trata-se de uma classificação dicotomizada: testes padronizados ou objetivos – psicométricos - e testes não padronizados ou subjetivos - projetivos; também, testes grupais e individuais; ainda, podem ser classificados de acordo com as tarefas, por exemplo, diagramas e jogos e quebra-cabeças; ainda, testes cognitivos (quantificação do processo da atividade mental) versus afetivos (para avaliar interesses, atitudes, valores, motivação, temperamento e outras características não cognitivas da personalidade) (Aiken, 1997).

Outro elemento diferenciador das duas modalidades objetiva e projetiva discute a participação do avaliador na administração dos instrumentos; para aqueles classificados como objetivos, o examinador lança mão de um guia e não depende de sua interpretação para o levantamento dos resultados. Já com os testes projetivos, o testando fornece a sua expressão ao material não estruturado e isso serve de base para a interpretação do examinador. De qualquer forma, quer para os testes objetivos como os projetivos, o examinador necessita proceder a inquérito e realizar registros (Hansemark, 1997; Alchieri & Cruz, 2003).

Os testes objetivos são vantajosos por quantificar atributos, com o que se evitam erros na medida, uma vez que há pouca diversidade na interpretação das palavras que o descrevem, pouca disparidade na maneira de graduar a intensidade do atributo, não equipara pessoas com atributos muito desiguais, nem as reúne em

categorias abrangentes, conforme Medeiros (1999) aponta. Além disso, continua a autora, quantificar ainda permite a obtenção de resultados similares por distintos avaliadores, possibilita caracterizar o testando em relação a sua posição no grupo, através da redução do erro de medida e de mais clara classificação de todos no grupo.

Pasquali (2001) explica porque os testes psicométricos costumam ser considerados menos ricos por aqueles que preferem os testes projetivos: mesmo oferecendo ao testando o número máximo de respostas possíveis, isso empobrece e restringe as respostas que o sujeito poderia, em tese, fornecer. Nos testes projetivos isso não acontece, pois as respostas são livres. Na realidade, os testes psicométricos estão mais interessados no produto, enquanto os projetivos focalizam o processo da testagem, ou seja, comportamentos que o sujeito exhibe durante a resolução de uma tarefa ou item (Pasquali, 2001).

Discute-se que, ao denominar um teste de objetivo, ocorre a tendência do mesmo ser visto positivamente só pela conotação que a expressão pode despertar. Em contrapartida, testes não categorizados desta forma tendem a serem avaliados como menos positivamente, independente de dados psicométricos que colham porque, muitas vezes, são considerados não objetivos (Meyer & Kurtz, 2006).

Um aspecto visto como difícil nas técnicas projetivas é o problema da validade: os psicometristas acusam aqueles que utilizam os testes projetivos de caracterizar o indivíduo e não de medir seus atributos. (Cunha & Nunes, 1996; Hansemark, 1997; Pasquali, 2003; Meyer & Kurtz, 2006).

Para fazer frente a essa crítica, os pesquisadores buscam criar sistemas de escore ou de categorização para respostas pouco estruturadas em técnicas projetivas; entretanto, a discussão continua, pois a corrente tradicional da psicometria considera isso mais uma tentativa de sumariar as respostas do que quantificá-las de fato. E para tornar o tema mais complexo, adeptos da corrente projetiva afirmam que quantificar não permite capturar o suficiente do testando, além de que se subestimam variáveis importantes para o levantamento e análise de material clínico; a exceção é o Método de Rorschach para o qual existem muitos estudos normativos em uma variedade de grupos clínicos que são relevantes (Cunha & Nunes, 1996).

Hansemark (1997) comenta que nem sempre esse tipo de solução é bem aceita; em relação ao TAT, seu método psicométrico estandardizado é considerado com baixa validade para prever o comportamento. O teste não elimina a questão da dependência do examinador e de sua subjetividade para interpretá-lo, o que exige

experiência clínica do mesmo. O autor aponta que, ao criticar o TAT, por exemplo, as fraquezas dos testes objetivos parecem ficar esquecidas e a mais óbvia fraqueza dos questionários é que não são mascarados em seu propósito, o que permite ao testando responder questões como socialmente aceitáveis, para criar uma imagem ideal de si mesmo. Outra dificuldade acontece porque as questões são muito específicas e sem nuances. O questionário também pode estar fixo em determinadas áreas e isso limita as respostas do sujeito.

A discussão torna-se mais carregada quando se leva em conta que, apesar de o uso da expressão *objetivo* nos testes implicar em acurácia e precisão, o que não é garantido em escalas do tipo auto-relatos, pois não há como ter literatura suficiente examinando os vários estilos de respostas e pré-concepções que afetam os escores derivados desses instrumentos, se realmente fossem objetivos. O que parece ocorrer é o investimento dos pesquisadores no tópico de estilo de respostas, descuidando da tarefa de pesquisar a acurácia e precisão (Meyer & Kurtz, 2006).

Defender uma posição extrema entre testes psicométricos versus testes projetivos evidencia, de acordo com Formiga & Mello (2000), a falta de informação dos momentos histórico, filosófico e social que influenciaram a psicologia como elementos importantes na ciência psicológica, aliás, dever-se-ia levar em conta que: 1- utilização de testes “é, por lei, privativa desses profissionais [os psicólogos] e está no centro de sua identidade” (Patto, 2000, p.68); 2- na virada do século XIX para o XX, a criação de testes psicológicos foi um dos fatores que contribuiu para o estabelecimento da psicologia como ciência (Ribeiro, 1999); 3- os testes são produtos da atividade criativa científica dos psicólogos (Bonelli, 1995); e 4- os testes, dentre outros elementos, conquistaram espaço social para a psicologia como profissão (Rosa, 1997); 5- não só no Brasil a identidade de psicólogo está associada à avaliação psicológica: nos Estados Unidos, para os psicólogos clínicos, a avaliação psicológica é a área de maior interesse, depois da Psicoterapia, mas a primeira é atividade profissional dos psicólogos (Meyer, Finn, Eyde, Kay, Moreland, Dies, Eisman, Kubiszyn & Reed, 2001).

Os testes são, portanto, importantes no caminho percorrido pela Psicologia para se firmar como ciência. Seu desenvolvimento possibilita analisar diferenças individuais em relação à inteligência, aptidões, conhecimentos escolares, orientação vocacional e também na dimensão da personalidade. A abrangência dos testes

psicológicos contém diversas áreas do conhecimento tais como educacional, sociológica e cultural (Formiga & Mello, 2000).

As principais funções da medida psicológica são: diagnosticar a situação do sujeito no presente, e conhecer as suas condições psicológicas no universo ao qual pertence; fornecer bases confiáveis para selecionar candidatos em concursos, funções, cargos, avaliar desempenho, treinar funcionário; prever comportamentos de pessoas ou grupos; fundamentar comparações entre grupos; realizar orientação vocacional (Medeiros, 1999).

É importante, ao se utilizar medidas psicológicas com as funções acima elencadas, evitar uma fonte de crítica aos testes, pois essa tem origem na confusão entre testagem em si e avaliação psicológica, ou seja, não existe o uso do teste pelo teste. Como discute Romaro (2000), a avaliação psicológica busca o que é singular no testando e, com isso, não está a serviço, como muitos temem, de colocar-lhe um rótulo, mas, ao contrário, abandona o sentido redutivo de um diagnóstico, para emprestar outro significado: o das possibilidades, dos potenciais, para o desenvolvimento.

Considerações Finais

Com essa compreensão é possível associar-se aos autores Amaral & Casado (2006) cuja posição é de que as abordagens idiográfica – sustenta a psicometria - e nomotética – sustenta instrumentos projetivos – se complementam e não se excluem, são importantes, pois mesmo sendo possível obter evidências estatísticas nem sempre isso traduz dados representativos da população; no caso do uso de instrumentos projetivos, os mesmos nunca são as únicas fontes de informação, mas o psicólogo se vale, com relação à predição clínica, de um conjunto de informações em nível integral e global do sujeito.

Na realidade, para Masling (1997), os psicólogos deveriam aproveitar a circunstância de ter a disposição duas formas distintas de avaliar o comportamento humano; melhor seria avaliar e adotar tais diferenças ao invés de centrar nas dificuldades e não respeitar um tipo ao outro de testes.

Na experiência da mestranda, que trabalha com avaliação psicológica e pesquisa sobre instrumentos psicológicos, o principal elemento é o objetivo pelo qual uma avaliação será realizada. A partir disso, pensando no testando e suas características, tais como idade, escolaridade, a queixa ou motivo pelo qual é encaminhado à avaliação, ou seja, o objetivo da avaliação, um conjunto variado, e tão

extenso quanto necessário, de fontes de informações, dentre elas teste, comporão o processo de avaliação psicológica. Nesse sentido, entrevistas, exames médicos, observações e testes sejam psicométricos e/ou projetivos farão parte da bateria de instrumentos, na medida de sua utilidade para revelar aspectos do testando que possam ser úteis para a compreensão dessa pessoa na situação objeto da avaliação.

Referências Bibliográficas

- Aiken, L.R. (1997). Foundation of Psychological measurement. Em Allyn & Bacon (Eds.), *Psychological testing and assessment* (pp. 3-21). Needham Heights, MA: A Viacom Company.
- Alchieri, J.C. & Cruz, R.M. (2003). *Avaliação psicológica: conceito, método e instrumentos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Amaral, A.E.V. & Casado, L.P. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185-193.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Anzieu, D. (1981). O conceito de proteção em psicologia. Em D. Anzieu. *Os métodos projetivos* (pp. 15-32). Rio de Janeiro: Campus.
- Bonelli, A.R.L. (1995). *La orientación vocacional como processo: teoria, técnica y práctica*. Buenos Aires: El Ateneo.
- Bornstein, R.F. (2002). Criterion validity of objective and projective dependency tests: a meta-analytic assessment of behavior prediction. *Psychological Assessment*, 11(1), 48-57.
- Cunha, J.A. (2000). Estratégias de avaliação: perspectivas em psicologia clínica. Em J.A. Cunha & Cols. *Psicodiagnóstico V* (pp.19-22). Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, J.A. & Nunes, M.L.T. (1996). Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento. Em L. Pasquali (Org.). *Medida projetiva* (pp. 341-365). UNB: INEP.
- Formiga, N.S., & Mello, I. (2000). Testagem psicológica e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. *Psicologia Ciência e Profissão*, 20(2), 12-10.
- Hansemark, O.C. (1997). Objective versus projective measurement of need for achievement: the relation between TAT and CMPS. *Journal of Managerial Psychology*, 12(4), 280 – 287.

- Silva Junior, N. & Ferraz, F.C. (2001). O psicodignóstico entre incompatibilidades de seus instrumentos e as promessas de uma metodologia psicopatológica. *Psicologia US*, 12(1), 1-16.
- Masling, J.M. (1997). On the nature and utility of projective tests and objective tests. *Journal of Personality Assessment*, 69(2), 257-270.
- Medeiros, E.B. (1999). *Medidas psico & lógicas: introdução à psicometria*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Meyer, G.F., Finn, S.E., Eyde, L.D., Kay, G.G., Moreland, K.L., Dies, R.R., Eisman, E.J., Kubiszyn, T.W., & Reed, G.M. (2001). Psychological testing and psychological assessment. *American Psychologist*, 5 (2), 128-165.
- Meyer, G.J., & Kurtz, J.E. (2006). Advancing personality assessment terminology: time to retire “objective” and “projective” as personality test descriptors. *Journal of Personality Assessment*, 87(3), 223-225.
- Pasquali, L. (org). (2001). *Técnicas de exame psicológico: fundamentos das técnicas psicológicas (vol1)*. São Paulo: Casa do psicólogo
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Patto, M.H. (2000). Para uma crítica da razão psicométrica. Em M.H. Patto. *Mutações do cativo: escritos de psicologia e política* (pp.65-83). São Paulo: Hacker Editores/Edusp.
- Ribeiro, J.L.P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Climepsi.
- Romaro, R.A. (2000). A questão do diagnóstico em psicoterapia breve. Em F.F.Sisto, E.T.B Sbardelini, & R Primi (Orgs.) *Contextos e questões da avaliação psicológica* (pp.13-29). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rosa, M.D. (1997). A inserção dos testes psicológicos na psicologia atual. *Temas*, 53, 10-30.
- Werlang, B.G. & Argimon, I.I.L. (2003). Avaliação psicológica na prática clínica. Em A.C. Neto, G.J.C Gauer & R. Furtado (Orgs). *Psiquiatria para estudantes de medicina* (pp.294-300). Porto Alegre: Edipucrs.

SEÇÃO II: AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE CRIANÇAS: DA NECESSIDADE DE TESTES PROJETIVOS E OBJETIVOS

Resumo: Esta seção trata da possibilidade original de avaliar um teste projetivo através das categorias de um teste objetivo, ou seja, avaliar verbalizações ao Teste das Fábulas via as categorias de comportamento propostas pelo CBCL. Com isso, pretendeu-se demonstrar a complementaridade de instrumentos – quer dizer um teste projetivo pode ser avaliado por um objetivo, o que, por sua vez, mostra que ambos podem/devem ser utilizados em avaliação. O objetivo do estudo foi verificar a concordância entre juízes na verbalização das crianças ao Teste das Fábulas, segundo categorias do CBCL. O estudo contou com o material oriundo da participação de 60 crianças de 8 a 10 anos, que responderam ao Teste das Fábulas, e também com 55 juízes (psicólogos que seguem o referencial psicanalítico). A tarefa foi verificar a presença de tais categorias do CBCL em cada história que a criança produziu no Teste das Fábulas. Cada criança teve sua produção no Teste das Fábulas analisada por três juízes, cujo nível de concordância foi examinado através da medida Kappa. Em relação aos comportamentos identificados via CBCL nas verbalizações ao Teste das Fábulas o Kappa entre juízes foi moderado (de Kappa 0,411 para o comportamento de quebrar regras a 0,508 para o comportamento de queixas somáticas); em relação aos temas que as fábulas propõem; a interpretação para os valores Kappa de fábula para fábula variou de substancial a quase perfeita (na fábula do Objeto foi de 0,745 e na fábula do Aniversário, 0,849). Esses resultados permitem demonstrar que houve concordância com valores de tal ordem que é possível afirmar ter a criança se manifestado projetivamente de tal forma que os juízes puderam classificar seu comportamento. Concluiu-se que tanto os testes projetivos como os testes objetivos devem fazer parte de uma bateria de avaliação de crianças.

Palavras-Chave: Teste das Fábulas, categorias de comportamento propostas pelo CBCL, complementaridade de instrumentos, avaliação psicológica de crianças.

Abstract:

This second section deals with the original attempt to evaluate a projective test via of objective tests' classification, in other words, to evaluate verbatim to the fables Test using the behavior classification propose by the CBCL. With that it is intended to demonstrate the instruments complementary – it means: a projective test it can be evaluate from categories of an objective test, what shows that both can/have to be used in evaluating specially children. The objective of the study was to verify the concordance among judges regarding the verbatim of children to the Fables Test via CBCL categories in each history. This study was performed with material originated from the participation of 60 children of 8 a 10 years responding the Fables Test, and of 55 judges (psychoanalytic psychologists). The task consisted in verifying such categories of problems in each story the child created in the test. Each child had its production to the Fables test examined by three judges and their concordance level was calculated by Kappa. Taking in account the behavior identified via CBCL to the verbatim to the Fables Test, the Kappa between judges was moderate (Kappa 0,411 for the behavior of breaking rules to 0,508 to somatic complains); regarding themes of the Fables Test Kappa values ran from substantial to almost perfect (Object fable with

Kappa equals 0,745 and Anniversary Fable with Kappa equals 0,849). These results permit to demonstrate concordance with such values that turned possible to enunciate that a child manifests itself protectively in such a way that judges are able to classify its behavior. It is possible to conclude that projective test and objective tests have to be part of a battery of evaluate of children.

Key-Words: Fables test, behavior classifications propose by the CBCL, instruments complementary, psychological evaluation of children.

Introdução

Pode-se pensar ser assustador o seguinte dado: 13% das crianças com idade entre 7 e 14 anos, em um município urbano, no sudeste do Brasil, apresentaram um diagnóstico psiquiátrico de acordo com o DSM-IV (Fleitlich-Bilyk & Goodman, 2004). No município de Porto Alegre, com população de 1.416.735 habitantes, sendo 213.653 na faixa de zero a nove anos de idade de acordo com os dados da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (2007), relativo ao ano de 2005, é possível estimar que 27.774 crianças necessitassem de atendimento especializado em saúde mental – outro valor preocupante. Sendo assim, cresce a importância da prevenção em saúde mental, especialmente se tratando de crianças; torna-se indispensável à intervenção precoce, antes que problemas se instalem e se solidifiquem, pois se isso ocorrer pode acontecer ter-se uma população adulta problemática, com prejuízos para os indivíduos, seus familiares e a sociedade (Prebianchi & Cury, 2005; Bordin & Paula, 2007).

Em se tratando de crianças, é muito importante atentar para os dados que seguem: O relatório da *World Health Organization* publicado em 2001 apontou que 400 milhões de pessoas no mundo possuem algum tipo de sofrimento psíquico; destas, cerca de 17 milhões são crianças latino-americanas com idades entre 5 e 7 anos.

As crianças são as usuárias mais frequentes dos Serviços e Clínicas-Escola de Psicologia, sendo documentada a prevalência dos meninos sobre as meninas, idade escolar (6-10 anos), maior incidência de primogênitos, alto índice de distúrbios de aprendizagem e do tipo externalizante, fracasso escolar e escola como uma das principais fontes de encaminhamento de crianças para atendimento psicológico (Silvares, Meyer, Santos & Gerencer, 2006). Tais elementos se mantêm em outros estudos - 53,3% dos atendidos em Clínica-Escola da Universidade de São Francisco – Campus de São Paulo tinham entre 5 a 9 anos; 65,3% eram do sexo masculino, as

queixas principais foram dificuldades escolares (19%), problemas no relacionamento interpessoal (12,4%), comportamento agressivo (10,6%), dificuldades nas relações familiares (10,3%), e distúrbios relacionados ao sono, alimentação e esfínteres (9,5%) (Romaro e Capitão, 2003); em Centro ligado à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, haviam 129 sujeitos de 2 a 17 anos, a maioria meninos, predominantemente com idades entre 6 e 11 anos, com queixas predominantes de agressividade (32,6%), dificuldades de aprendizagem (30,2%), baixa tolerância à frustração e/ou dificuldade de controle de impulsos (24,8%) e desinteresse pela escola (19,4%) (Santos, 2006); de forma semelhante, Rocha e Ferreira (2006), em seu estudo sobre queixas identificadas em crianças e adolescentes atendidos pelo Serviço de Psicologia Pediátrica, de um hospital universitário em Belém do Pará, constataram que a maior parte da demanda correspondia às crianças em idade escolar e do sexo masculino. Quanto às queixas, os comportamentos opostos (agressividade, impulsividade, etc.) foram os mais frequentemente relatados.

No Rio Grande do Sul, Campezzato & Nunes (2007), ao caracterizar a clientela das Clínicas-Escola de cursos de Psicologia da região metropolitana de Porto Alegre, encontraram que da clientela total, 33,41% eram crianças e adolescentes (6 a 16 anos); Foi possível verificar uma concentração de crianças de até 10 anos do sexo masculino (13,52%; 492 sujeitos). Na clientela, em geral, as queixas foram relativas a processos cognitivos, que remetem a dificuldades de aprendizagem.

Pesquisa realizada em nove Clínicas de Atendimento Psicológicos dos cursos de Psicologia do Rio Grande do Sul constatou que, do total geral de pacientes que buscaram atendimento, 34,4% eram crianças de zero a 12 anos, sendo que desse percentual, existiam quase 3 meninos para cada menina; as queixas mais frequentes foram relativas a dificuldades no comportamento afetivo (agressividade, ansiedade, isolamento social, depressão, choro frequente, dependência, imaturidade, temores) - 40,85%, e dificuldades em processos cognitivos (de aprendizagem, de atenção, de compreensão ou de memória) - 26,49% (Savalhia, 2007).

Avaliar problemas psiquiátricos na infância e adolescência é um desafio para os profissionais, visto ser distinto de identificar transtornos mentais em adultos. A criança está em desenvolvimento, apresenta limitada capacidade de expressar desconforto oriundo de uma fonte interna; seus problemas emocionais se expressam, em geral, através de comportamentos não adaptados, não sendo associados pela criança a um sofrimento interno (Bird & Duarte, 2002).

Outra importante diferença entre avaliação de adultos e de crianças e adolescentes é que os adultos geralmente informam sobre si mesmos, mas no caso de crianças e adolescentes, múltiplos informantes são necessários para que se possa realizar diagnóstico competente, através de procedimentos de avaliação cuidadosos e abrangentes e da utilização de várias fontes de informação, como pais, professores, pediatras e outros (Bird & Duarte, 2002).

Para enfrentar o desafio de identificar problemas nas crianças e encaminhá-las para medidas de atendimento que também sejam preventivas de problemas posteriores, o psicólogo tem a sua disposição o psicodiagnóstico, avaliação psicológica realizada por psicólogos clínicos com fins clínicos (Cunha, 2000), solicitado com frequência para crianças encaminhadas aos serviços de atendimento psicológico, por escolas, médicos, psicanalistas e psicólogos infantis; é a busca de um diagnóstico diferencial que oriente de forma mais precisa a intervenção, especialmente se a solicitação provém de um especialista (Sigal, 2000).

No psicodiagnóstico, o psicólogo dedica sua atenção a uma criança por um período limitado no tempo, buscando reunir informações úteis para o propósito da intervenção (Sattler, 1996), a partir do estudo profundo da personalidade, do ponto de vista fundamentalmente clínico: explica a dinâmica do caso tendo em vista o material recolhido, integrando-o num quadro global, sem deixar de enfatizar a investigação de aspectos em particular, segundo a sintomatologia e as características da indicação (se houver) (Arzeno, 1995).

Nem entrevista clínica e nem os testes são ferramentas infalíveis, mas utilizados de forma complementar ampliam a segurança de um diagnóstico correto. Por isso, diferentes instrumentos permitem estudar o paciente de várias formas: falar livremente sobre uma lâmina, desenhar, dentre outras possibilidades. Os psicólogos devem incluir instrumentos para obter o máximo de projeção do paciente (desenho da figura humana, de uma casa ou uma árvore...) e é importante incluir testes padronizados porque dão uma margem de segurança diagnóstica maior (Arzeno, 1995).

As informações que os instrumentos de medida projetiva e objetiva fornecem são acessadas em níveis diferentes. Os instrumentos de medida objetiva - escalas de auto-relatos, por exemplo - e de medidas projetivas - como o TAT e o Rorschach - captam aspectos distintos de um mesmo estado motivacional (Bornstein, 2002).

Por meio de instrumentos psicológicos é possível uma compreensão de sintomas e queixas do paciente, com mais brevidade que o necessário com outros métodos. Sendo as avaliações dirigidas à inteligência, à personalidade e as habilidades/capacidades as mais comuns, Werlang & Argimon (2003) valorizam o uso de instrumentos psicológicos para avaliar, além da característica e habilidades destacadas anteriormente, sintomas psiquiátricos e neurológicos (Nunes, Silva, Deakin, Dian & Campezzato, 2006).

O uso de mais de um procedimento de avaliação proporciona um acúmulo de dados sobre a criança. Este enfoque permite a avaliação de variáveis cognitivas, sociais e interpessoais que afetam a conduta da criança. Entretanto, deve-se considerar com cuidado se os procedimentos adicionais de avaliação contribuem para uma melhor compreensão das crianças, pois valem tempo, esforço e custos extras (Sattler, 1996).

A observação de crianças no seu ambiente natural proporciona informação importante para a avaliação. O psicólogo deve verificar como a criança se comporta no ambiente escolar com os professores e com os colegas; se os professores a tratam de maneira diferente em comparação com outras crianças. As observações de tais aspectos fornecem melhor imagem da criança e dos ambientes que frequenta. Isso ajuda a formular programas terapêuticos e de tratamento. Por isso, é importante que se obtenha informações de pais e outros indivíduos significativos dentro de seu ambiente. Para as crianças em idade escolar os professores são fontes importantes de informação adicional. Não tem como avaliar apenas a criança sem considerar outros fatores que podem afetar sua conduta (Sattler, 1996).

Uma vez que vários autores evidenciam a necessidade de múltiplos instrumentos e de múltiplos informantes para melhor conhecer uma criança e melhor avaliá-la, essa pesquisa voltou-se para a idéia de enfatizar que tanto os testes projetivos como os testes objetivos devem fazer parte de uma bateria de avaliação. Nesse sentido, foi vislumbrada a possibilidade original de avaliar um teste projetivo através das categorias de um teste objetivo, ou seja, avaliar verbalizações ao Teste das Fábulas via as categorias de comportamento propostas pelo CBCL. Com isso, ter-se-ia a demonstração da complementaridade de instrumentos – quer dizer um teste projetivo pode ser avaliado por um objetivo. Assim se pretende, via concordância entre juízes, demonstrar que a criança, ao realizar um teste projetivo, “fala” de si via projeção e, com isso, assegura-se que, mesmo não tendo maturidade para expressar

seus problemas emocionais pela palavra de forma direta e, em geral, o faz através de comportamentos não adaptados (Bird & Duarte, 2002, Gauy & Guimarães, 2006). Por esse artifício – a projeção se manifesta de forma compreensível ao psicólogo; e, se os juízes, fazendo o papel de outros “informantes”, forem capazes de concordar entre si sobre o que as verbalizações projetaram, então a criança foi percebida desde “fora” de si, via seu comportamento – projetado nas verbalizações.

Objetivos

Verificar concordância entre juízes na verbalização das crianças ao Teste das Fábulas segundo categorias internalizantes e externalizantes.

Método

1 Delineamento

O trabalho é constituído de uma pesquisa documental, quantitativa, transversal, descritiva.

2 Fontes de Dados

Participaram da pesquisa 55 juízes, escolhidos por conveniência, por serem psicólogos (as), estarem formados (as) no mínimo há três anos, trabalharem com crianças e terem por opção teórica a Psicanálise.

O material oferecido aos juízes foram as verbalizações ao Teste das Fábulas, (histórias originais, anexo I), pertencentes ao arquivo de materiais de avaliação psicológica do grupo de pesquisa coordenado pela orientadora desta dissertação. A amostra dos materiais diz respeito aos testes de 60 crianças escolares de Porto Alegre, divididas em grupos; 20 em cada um deles; 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Os grupos, por sua vez, foram também divididos por faixas etárias: de 8 anos, de 9 anos e de 10 anos.

Tabela 1 – Distribuição das crianças por sexo e idade

Faixa Etária	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
8 anos	10	10	20
9 anos	10	10	20
10 anos	10	10	20
TOTAL	30	30	60

3 Instrumentos¹

Aos juízes foram entregues verbalizações das crianças ao Teste das Fábulas e um formulário (anexo II), contendo instruções para classificação das verbalizações das crianças ao Teste das Fábulas segundo categorias de problemas internalizantes (Isolamento, Ansiedade/Depressão, Queixas Somáticas) e externalizante (Quebrar – Regras e Comportamento Agressivo) contidas no CBCL. A tarefa era verificar a presença de tais categorias de problemas em cada história que a criança produziu no Teste das Fábulas.

Cada juiz recebeu em média três protocolos de teste, isto é: a produção de cada criança foi avaliada por três juízes com fins de estabelecer o índice de concordância entre os juízes. O Teste das Fábulas contém dez historietas, mas foram entregues aos juízes apenas 9. A fábula do Medo foi excluída, pois a própria historieta provoca respostas de conteúdos de medo na criança, o que se torna facilmente identificável.

4 Procedimento para Coleta de Dados

Os juízes foram convidados para participar da pesquisa via e-mail (carta convite, anexo III). Na própria mensagem eletrônica foram anexadas as instruções do trabalho e a verbalização da criança ao Teste das Fábulas. Foi estipulado prazo de duas semanas para que enviassem as respostas, caso desejassem participar do trabalho.

¹ Na pesquisa mais ampla, sobre avaliação de crianças desenvolvida no Grupo de Pesquisa “Formação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica” coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Tiellet Nunes, são utilizados na avaliação psicológica de crianças os seguintes testes: Bender, Teste das Fábulas, *Child Behavior Checklist* (CBCL), Wisc – III e Desenho da Figura Humana.

5 Procedimento de Análise de Dados

Todos os dados foram analisados a partir da estatística descritiva através do programa estatístico SPSS for Windows versão 11.0, abrangendo médias, frequências e porcentagens, e pela medida Kappa (Fleiss, 1981; Siegel & Castellan, 1988).

A medida Kappa que é baseada no número de respostas concordantes, ou seja, no número de casos cujo resultado é o mesmo entre os juízes; é uma medida de concordância inter-observador que tem como valor máximo o 1 - total concordância, e os valores próximos e até abaixo de 0, indicam nenhuma concordância; valores menores que zero, negativos, sugerem discordância. Observam-se os valores e as respectivas interpretações através da Tabela 2.

Tabela 2 – Valores e Interpretações para a Medida Kappa

Valores Kappa	Interpretação
<0	Sem concordância
0-0.19	Concordância pobre
0.20-0.39	Concordância baixa
0.40-0.59	Concordância Moderada
0.60-0.79	Concordância Substancial
0.80-1.00	Concordância quase perfeita

Fonte: Landis JR & Koch GG. (1977) The measurement of observer Agreement for categorical data. *Biometrics*; 33, 159-174.

Conforme orientação aos juízes, as verbalizações ao Teste das Fábulas foram examinadas por análise de conteúdo com categorias, oriundas das categorias de comportamento de problemas internalizantes e externalizantes contidas no CBCL. Cada criança teve sua produção no Teste das Fábulas analisada por três juízes, cujo nível de concordância foi examinado através da medida Kappa.

6 Procedimentos Éticos

A identidade das crianças que responderam ao Teste das Fábulas foi mantida em sigilo, ou seja: o protocolo com as verbalizações das crianças foi enviado aos juízes sem a identificação das mesmas.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Os resultados desse estudo são apresentados a seguir através de tabelas acerca da concordância entre juízes, primeiro em relação aos comportamentos alocados às verbalizações ao Teste das Fábulas, de modo geral (Tabela 3), seguido de ilustrações das verbalizações que foram classificadas pelo CBCL; da Tabela 4 até a Tabela 8, estão os cálculos referentes à concordância mais alta entre juízes fábula por fábula (Fábula 1 até Fábula 9), também seguidas das ilustrações. Cada par de juízes (J1 e J2; J1 e J3; J2 e J3) receberam verbalizações de crianças ao Teste das Fábulas para classificar esses conteúdos através das categorias oriundas do CBCL: comportamentos quebrar-regras, comportamento agressivo, isolamento, ansiedade/depressão, queixa somática e nenhum (ausência de comportamento). Com as classificações das duplas de juízes foi calculada a medida Kappa, cujos resultados são apresentados a seguir.

Tabela 3: Concordância entre juízes em relação aos comportamentos alocados às verbalizações ao teste das Fábulas classificados pelo CBCL de modo geral.

	J1 e J2		J1 e J3		J2 e J3	
	%	K	%	K	%	K
Quebrar-Regras	89,8	0,402	88,5	0,325	89,7	0,411
Comportamento Agressivo	90,4	0,357	89,5	0,292	92,2	0,441
Isolamento	88,8	0,397	87,1	0,331	88,4	0,413
Ansiedade/Depressão	72,3	0,425	69,9	0,396	72,8	0,452
Queixa Somática	95,1	0,508	94,6	0,480	94,9	0,426

Os juízes conseguiram classificar com mais facilidade as verbalizações das fábulas com a categoria **queixa somática** do CBCL, em especial J1 e J2, com mais alto nível de concordância (J1 e J2 Kappa = **0,508, moderada**). Isso pode ter ocorrido

porque a queixa somática é uma categoria que se salienta mais nas verbalizações, ou seja, as historietas podem ter proporcionado melhor a projeção dessa queixa, que se diferencia bastante das demais, o que pode ter facilitado a concordância entre os juízes. A queixa somática, conforme as verbalizações *passar mal, dor, médicos*, são estados que as crianças conseguem verbalizar, aliás, muitas vezes, tradução de estados emocionais internos mais difíceis de reconhecimento por parte da criança, de acordo com Bird & Duarte (2002).

Exemplo 1: “Porque passou mal e queria ficar sozinho no fundo do quintal. Querendo tomar alguma coisa para passar a dor”. (Menina, 10 anos, Festa do Aniversário de casamento).

Exemplo 2: “Foi o filho. Porque ele tinha morrido de diabetes, então a ambulância não chegou a tempo e daí então ele morreu”. (Menino, 10 anos, Fábula do Enterro).

Exemplo 3: “Que ele tá doente. Um dia ele tava com o elefante dele e foi levar ao médico. Chegou no quarto dele e o elefante estava quase bom. Entrou no quarto e foi levar o elefante para passear e o elefante ficou mal e entrou de novo no quarto para ir ao telefone e pedir o médico. O médico receitou remédio para o bicho e ele ficou bem. Eles foram passear”. (Menina, 10 anos – Fábula do elefante).

A concordância dos juízes nas verbalizações das crianças ao Teste das Fábulas para a categoria **ansiedade/depressão** teve o maior valor Kappa entre J2 e J3 = **0,452, moderada**. Todas as historietas do Teste das Fábulas apresentam conflitos básicos que os personagens estão vivenciando e que se a criança também os vivencia projeta na construção da continuação da história, conforme lhe é solicitado. O teste é de origem psicanalítica e os juízes foram escolhidos por abraçar essa teoria, portanto, é possível pensar que eles tenham tido mais facilidade em identificar tais conteúdos - ansiedade e a depressão. Nos exemplos isso pode ficar mais nítido.

Exemplo 1: “Porque a criança é filha deles? A criança tinha outro pai e a mãe se divorciou e ficou triste e não queria o padrasto. Ela ficou chorando e a mãe foi atrás e perguntou: - O que houve meu filho? Eu não quero mais que você fique com esse cara. Ela se divorciou, ficaram só os dois felizes, e ela ficou com o pai dela”. (Menina, 9 anos – Fábula da festa do Aniversário de Casamento).

Exemplo 2: “Que de certo a mãe dele morreu que de certo ele teve um pesadelo, aí ele ficou mal e ele chorou e teve um susto. Aí ele acordou e saiu correndo e foi para o quarto da mãe para ver se era um sonho verdadeiro e viu que era um sonho”. (Menino, 8 anos - Fábula do Sonho Mau).

O comportamento **agressivo** teve concordância entre J2 e J3, Kappa = **0,441, moderada**. Esse comportamento é externalizante – a criança atua diretamente no ambiente externo, o que pode ser facilmente reconhecido nas historietas. Os exemplos abaixo ilustram isso.

Exemplo 1: “Ele matou este e ficou escondido. Eles foram no enterro, menos ele. Ele foi lá no padre e diz que foi ele quem matou. Mandou os filhos dele ficar do lado do homem que ele matou. O padre foi na casa dele e conversou com ele. O cara que ele matou aí o padre foi lá buscar o carro e foi lá para o enterro”. (Menina, 10 anos – Fábula do Enterro).

Exemplo 2: “Com monstros. Que tinha tirado nota baixa na escola. Seus colegas batiam nele. Seu pai morreu. Sua mãe brigou com ele. Estava sujo. (E como acabou?) Então ele acorda rapidamente e vê que tudo está perfeitamente normal”. (Menino, 10 anos – Fábula do Sonho Mau).

Exemplo 3: “Ficar com ciúmes. Ele brigou com outro carneirinho porque a mãe era dele e a mãe dele xingou ele e falou que ele precisava, que estava com fome. Ele ficou pensando que o carneirinho estava com fome e que não teria problema em comer grama que amanhã iria mamar na mãe dele. No final ficaram amigos e ela adotou ele”. (Menina, 10 anos, Fábula do Cordeirinho).

O comportamento **isolamento** teve o valor de concordância entre juizes igual a **0,413, moderada** para os juizes J2 e J3. Esse comportamento é internalizante, ou seja, não é atuado no ambiente e restringe-se ao âmbito privado da criança. Embora a classificação desse comportamento também tenha sido moderada, pode ter sido um pouco mais difícil de identificá-lo e por isso tenha tido um índice mais baixo de concordância.

Exemplo 1: “Porque a criança ficou triste, porque ela não ganhou nenhum presente e nem o bolo de aniversário e ela ta triste porque ganhou nenhum pedaço do bolo, que era muito grande e bonito.” (Menino, 8 anos – Fábula do Aniversário de Casamento).

Exemplo 2: “Porque os pais não estão dando atenção para ela e ela ficou triste e resolveu ir para fora. Depois da festa viram que o filho não estava lá e os pais foram procurar ele e encontraram. Pediam desculpas para o filho”. (Menino, 9 anos - Fábula do Aniversário de Casamento).

Por fim, o comportamento **quebrar-regras** também é atuado no ambiente externo, o que facilita a identificação desse comportamento; o interessante, entretanto, é constatar que, embora mais fácil de ser identificado do que outros comportamentos,

quebrar-regras obteve o menor índice de concordância, dentre os mais altos entre pares de juízes (Kappa=**0,411** entre J2 e J3, **moderada**).

Exemplo 1: “Porque ele deixou o quarto desarrumado, sem deixar que sua mãe olhasse, sujou as camisas de seu pai, deixou todos os eletrodomésticos ligados e deixou seu cachorro fazer cocô no tapete. Pediu desculpas para ele e foi passear com eles também”. (Menino, 10 anos, Fábula do Passeio com a Mãe).

Exemplo 2: “Porque ele bagunçou toda casa, mexeu no xampu, nos cremes, bateu com a tromba na panela de feijão. Porque ele estava sujo de feijão, a cara toda branca de creme e o cabelo cheio de xampu”. (Menino, 10 anos, Fábula do Elefante).

Exemplo 3: “Derrubou tinta nele e ficou estranho. Saiu correndo para a cozinha e se lambuzou de margarina. Saiu correndo para o quintal, caiu em cima da piscina e tomou toda a água. Saiu correndo para a rua e foi direto para o zoológico”. (Menina, 9 anos - Fábula do Elefante)

A partir da Tabela 3 até a Tabela 7, apresenta-se a concordância entre juízes categoria por categoria de Problemas Externalizantes (Quebrar-Regras, Comportamento Agressivo) e Problemas Internalizantes (Isolamento, Ansiedade/Depressão, Queixas somáticas) contidas no CBCL e fábula por fábula naquelas fábulas onde os índices de concordância foram mais altos.

Tabela 4 – Concordância entre juízes sobre o comportamento quebrar – regras por fábula.

Quebrar-Regras	J1 e J2		J1 e J3		J2 e J3	
	%	K	%	K	%	K
Fábula Passarinho	-----		96,9	0,484	-----	
Fábula Objeto	95,3	0,745	-----		-----	
Fábula Notícia	-----		-----		86,0	0,493
Fábula Sonho	-----		-----		96,9	0,650

A concordância entre juízes para o comportamento **quebrar-regras** salientou-se na Fábula do Objeto Fabricado (J1 e J2, Kappa = **0,745, substancial**). Essa fábula tem como tema conformidade social, ambivalência; lida com o dar e o receber. Se a criança se sente pressionada a dar a torre para a mãe, ou seja, sente que deve funcionar conforme a expectativa social pode reagir com uma defesa de atuação e isso foi bem identificado pelos juízes (atuação =quebrar-regras).

Exemplo 1: “Vai toca fora e construir outra. Quando ele jogou fora começou a pegar fogo. Daí pegou fogo na casa dele e na cidade toda. Daí quando foi compra uma coisa para a mãe dele não tinha mais loja que ele queimou tudo. Daí ele foi morar em outra cidade com a mãe, pai e a família toda. Daí ele fez mais um e fez a mesma coisa com a cidade que ele morava. Daí ele fez um liquido para colocar no coisa dele e quando tocou fora não pegou mais fogo”. (Menino, 8 anos, Fábula do Objeto Fabricado).

Exemplo 2: Vai subir um morro só que ele não podia sair porque um bicho mordeu ele. A mãe chamou ele: Filho!! Só que ele não tava. De novo ele voltou e deu a torre para a mãe e a mãe descobriu que a torre não era igual, pensou que era e aí o menino trocou de torre e a mãe pensou que era, só que não. (Menino, 8 anos, Fábula do Objeto Fabricado).

Tabela 5 – Concordância entre juízes sobre o comportamento agressivo por fábula.

Comportamento	J1 e J2		J1 e J3		J2 e J3	
	%	K	%	K	%	K
Fábula Aniversário	-----		95,3	0,547	-----	
Fábula Cordeirinho	-----		-----		95,3	0,547
Fábula Enterro	-----		-----		95,3	0,797
Fábula Objeto	-----		-----		93,7	0,567
Fábula Notícia	-----		-----		92,2	0,403
Fábula Sonho	-----		-----		92,2	0,403

O comportamento **agressivo** teve concordância mais alta entre os juízes J2 e J3, Kappa = **0,797 substancial**, na Fábula do Enterro. As Fábulas do Passarinho, do Aniversário e do Cordeirinho apresentam temas frustrantes e a Fábula do Enterro foi desenvolvida para dar vazão a aspectos agressivos mobilizados nas historietas anteriores. Essa fábula explora a agressividade, os desejos de morte e autopunição (Cunha & Nunes, 1993). Os comportamentos agressivos devem aparecer nessa fábula e por isso os juízes podem ter conseguido identifica-los com mais facilidade.

Exemplo 1: “Foi uma pessoa que matou ele. Que ele começou a berrar com ele. E a casa explodiu”. (Menina, 8 anos - Fábula do Enterro).

Exemplo 2: “Um ladrão tinha chegado armado e deu dois tiros na barriga dele e ele morreu. O enterro vai ser amanhã e o bandido foi preso. Ficaram rezando e daí chegou um amigo, ficou triste. Fim”. (Menino, 8 anos – Fábula do Enterro).

Tabela 6 – Concordância entre juízes sobre o comportamento de isolamento por fábula.

Isolamento	J1 e J2		J1 e J3		J2 e J3	
	%	K	%	K	%	K
Fábula Passarinho	89,1	0,569	-----	-----	-----	-----
Fábula Enterro	-----	-----	96,9	0,488	-----	-----
Fábula Passeio	-----	-----	-----	-----	90,5	0,477
Fábula Notícia	-----	-----	-----	-----	98,4	0,792

O comportamento **isolamento** teve concordância mais alta entre o J2 e J3, (Kappa = **0, 792, substancial**) na Fábula da Notícia. Conforme Cunha & Nunes (1993), essa fábula mobiliza desejos, medos, proibições. Ocupa posição estratégica e tem sentido catártico devido aos conteúdos emocionais mobilizados pelas Fábulas precedentes do Objeto Fabricado, do Passeio e do Sonho Mau, por isso o comportamento isolamento pode ter sido identificado pelos juízes nessa fábula.

Exemplo 1: “Que ela era adotada e que os pais dela morreram e por isso pegou ela para ela não ficar sozinha. (O que ela sentiu?). Ela sentiu felicidade de saber que alguém quis ela”. (Menina, 8 anos – Fábula da Notícia).

Exemplo 2: Que eles vão ter que viajar. A sua mãe teve um imprevisto no trabalho e vai ter que viajar por um mês o menino não quer ir. Eles acabam indo. O menino não quer ir na escola porque não tem amigos. Uma menina aparece e pergunta o nome dele. – O meu e é Beto. – Eu sou Ana Lúcia. Aprendeu uma lição. Que sempre vai descobrir coisas novas e ter novos amigos. Chega em casa, conta para a mãe e eles ficam felizes para sempre”. (Menino, 10 anos – Fábula da Notícia).

Tabela 7 – Concordância entre juízes sobre o comportamento ansiedade/depressão por fábula.

Ansiedade/ Depressão	J1 e J2		J1 e J3		J2 e J3	
	%	K	%	K	%	K
Passarinho	-----	-----	-----	-----	70,3	0,412
Aniversário	-----	-----	-----	-----	76,1	0,517
Cordeirinho	81,2	0,600	-----	-----	-----	-----
Enterro	-----	-----	-----	-----	89,0	0,736

Elefante	-----	70,4	0,403	-----
Objeto	84,1	0,450	-----	-----
Notícia	81,3	0,478	-----	-----

A **ansiedade e depressão** têm concordância mais elevada entre J2 e J3, Kappa = **0,736 substancial** na Fábula do Enterro. A ansiedade e depressão podem ser mobilizadas frente ao estímulo da morte, em especial em crianças.

Exemplo 1: “O pai do filho da menina que mora com ele e daí ela ficou triste e ficou chorando. De repente apareceu a mãe dela e daí ela disse: - Se eu não tenho pai, eu tenho a minha mãe”. (Menino, 8 anos – Fábula da Morte)

Exemplo 2: O tio de um gurizinho. Daí o guri não queria sair porque estava muito triste e todo mundo perguntou quem morreu e a mãe dele disse: Foi o meu irmão. E daí perguntaram do que ele tinha morrido e ela falou que não sabia. Daí chamou o padre, saiu por todas as ruas até chegar no cemitério. Chegou no cemitério e todo mundo começou a chorar. O gurizinho foi no enterro. A mãe dele disse que ele tava num lugar melhor. Fim”. (Menino, 10 anos, Fábula da Morte).

Tabela 8 – Concordância entre juízes sobre o comportamento queixas somáticas por fábula.

Queixas	J1 e J2		J1 e J3		J2 e J3	
	%	K	%	K	%	K
Passarinho	93,8	0,566	-----	-----	-----	-----
Aniversário	-----	-----	-----	-----	98,5	0,849
Cordeirinho	-----	-----	95,3	0,551	-----	-----
Elefante	-----	-----	89,1	0,629	-----	-----
Notícia	-----	-----	98,5	0,660	-----	-----

As **queixas somáticas** forma melhor identificadas pelos juízes 2 e 3 na Fábula do Aniversário de Casamento (Kappa = **0,849 quase perfeita**). Nessa fábula a criança se depara com a relação afetiva dos pais, a cena primária; podem surgir conteúdos de caráter edípico. Além disso, conotações orais nessa historieta podem ocorrer pelo próprio conteúdo da festa do aniversário, mas também num movimento repressivo para se defender de conteúdos fálicos. A relação sexual na cultura ocidental também pressupõe conotação oral (Cunha & Nunes, 1993). Outra forma de reagir bastante comum em crianças é a somatização.

Exemplo 1: “Porque estava triste. Mas depois as outras crianças perguntaram: Por que está chorando? E ele respondeu que seu pai estava doente, mas depois eles convidaram ele para brincar e ele ficou alegre”. (Menino, 8 anos, Fábula do Aniversário de Casamento).

Exemplo 2: “Porque ela fica doente e os pais não sabiam. Ela foi para o quintal vomitar porque ela tinha bulimia. A mãe foi atrás dela, chamava, chamava, mas não encontrava, a filha mais velha foi ajudar a procurar, mas já era tarde, ela tinha ido embora com um a garrafinha de água. Ela correu, correu até cansar e então o pai pega o carro e sai desesperado atrás dela, ele encontrou e ela volta para sua casa”. (Menino, 10 anos, Fábula do Aniversário de casamento).

Para visualizar de forma sintética os resultados, seguem as Tabela 9 e tabela 10 a respeito de como os resultados indicam a concordância buscada para demonstrar que múltiplas informações são de interesse na avaliação de crianças, ou seja, com esses dados torna-se visível que as verbalizações das crianças – medida projetiva – foram compreendidas pelos juízes, através das categorias do CBCL – medida objetiva – com valores Kappa, que permitem interpretação de moderada a quase perfeita de concordância entre juízes.

Tabela 9 – Medidas Kappa por Comportamento

	Medida Kappa	Interpretação
Quebrar-Regras	0,411	Moderada
Comportamento Agressivo	0,441	Moderada
Isolamento	0,413	Moderada
Ansiedade/Depressão	0,452	Moderada
Queixa Somática	0,508	Moderada

Tabela 10 – Medidas Kappa por Fábula/Comportamento

Fábula/Comportamento	Medida kappa	Interpretação
Objeto-Quebrar regras	0,745	Substancial
Enterro-Comportamento agressivo/Ansiedade/Depressão	0,797/0,736	Substancial
Notícia/Isolamento	0,792	Substancial
Aniversário/Queixa somática	0,849	Quase perfeita

Pela síntese apresentada, através das tabelas 9 e 10, foi possível demonstrar que uma criança é capaz de expressar seu sofrimento psíquico via projeção, visto não ter maturidade para conversar diretamente sobre o que a aflige, e que adultos são capazes de reconhecer esse sofrimento via comportamento, no caso desse estudo, através de sua leitura da projeção de crianças ao Teste das Fábulas, analisada pelas categorias do CBCL.

A tarefa solicitada aos juízes para classificar as verbalizações das crianças ao Teste das Fábulas, segundo categorias do CBCL, é incomum. Alguns psicólogos não conheciam o Teste das Fábulas e a maior dos mesmos não conhecia o CBCL. Não é fácil compreender o Teste das Fábulas e analisa-lo a partir das categorias do CBCL. Alguns psicólogos relataram dificuldades em realizar a tarefa, mas apesar disso, foi possível concluí-la e, via Kappa, obter ótimas medidas de concordância. Os juízes, mesmo não conhecendo bem os testes envolvidos na tarefa proposta, tiveram condições de realizar a tarefa, pois a mesma envolveu análise de conteúdo, algo que, mesmo sem essa denominação, faz parte da rotina do trabalho do psicoterapeuta.

Os psicólogos obtiveram concordância mais alta (quase perfeita) em relação às queixas somáticas nas verbalizações das crianças à Fábula do Aniversário. A fábula se refere aos conteúdos edípicos, coloca a criança como excluída da relação conjugal dos pais e, como se trata da festa de aniversário de casamento dos pais e apresenta bolo e doces à mesa de comemoração, as crianças muitas vezes negam a situação proposta pela fábula e regridem a conteúdos de caráter oral, traduzido em verbalizações sobre ter passado mal pela comida e falas dessa natureza, ou seja, apresentando queixas somáticas, muito bem compreendidas pelos juízes. Cada etapa do desenvolvimento infantil é marcada por tensões próprias e pode refletir em sintomas físicos (Dian, 2007).

É importante salientar que testes projetivos e objetivos avaliam diferentes elementos do desenvolvimento da criança: os testes projetivos eliciam na criança respostas acerca dela própria numa situação de “como se...”; os testes objetivos demandam outro tipo de resposta da criança ou de terceiros que se pronunciem sobre ela. Sobre esses terceiros, sua participação é muito importante, pois retratam a criança em seus vários ambientes. Pais e professores, mesmo não sendo treinados para avaliar psicopatologia, podem ser mais importantes informantes em certas áreas do que os clínicos para detectar problemas escolares e comportamento anti-social. Os achados mostram que avaliação clínica deveria sempre ser suplementada pelas informações de

pais e professores (Ferdinand, Hoogerheid, Ende, Visser, Koot, Kasius, & Verhulst, 2003). Para Gauy & Guimarães (2006), o treinamento de profissionais e uso de múltiplos instrumentos ou informantes pode contribuir para atenuar as inevitáveis falhas do processo de avaliação comportamental. Portanto, quanto mais informações o psicólogo obtiver da criança, mais condição terá de conhecê-la e conseqüentemente avaliá-la.

Os desvios e enganos nas observações controladas podem ser diminuídos, quando da avaliação de uma criança, pela medida, cujas principais funções são: diagnosticar sua situação e conhecer as suas condições psicológicas no universo ao qual pertence (Medeiros, 1999).

Ao utilizarem-se testes objetivos e projetivos, é possível juntar informações advindas de números que descrevem os fenômenos psicológicos e aquelas que advêm da descrição lingüística (Pasquali, 2001).

Aquele que se recusa a trabalhar com testes, objetivos ou projetivos, pode ser visto como um profissional que, de acordo com Formiga & Mello (2000), não tem noção dos momentos histórico, filosófico e social da Psicologia como ciência; perde a possibilidade de ter mais instrumentos de trabalho, tendo em vista que a utilização de testes “é, por lei, privativa desses profissionais [os psicólogos] e está no centro de sua identidade” (Patto, 2000, p.68).

Considerações Finais

A avaliação psicológica de crianças e adolescentes é complexa e dispendiosa, pois demanda procedimentos de avaliação cuidadosos e abrangentes, recorrência a fontes de informação diversas, como professores, pais, pediatras, registros escolares e outros, assim como medidas padronizadas, culturalmente adequadas, para que o psicólogo possa avaliar fatores de risco, prejuízo funcional, encaminhar a serviços de saúde mental (Bird & Duarte, 2002).

Fleitlich Bilyk e Goodman (2004) apresentam o dado de que 13% das crianças com idades entre 7 e 14 anos, em um município urbano, no sudeste do Brasil tiveram diagnóstico psiquiátrico de acordo com o DSM-IV. Outros autores documentam com consistência que crianças e adolescentes são usuários mais freqüentes dos Serviços e Clínicas-Escola de Psicologia (Silvares, Meyer, Santos & Gerencer, 2006; Romaro e Capitão, 2003; Rocha e Ferreira, 2006; Campezzatto & Nunes, 2007; Savalhia, 2007).

Contudo, é tido como desafio avaliar problemas psiquiátricos na infância, pois a criança está em desenvolvimento, apresenta limitada capacidade de expressar desconforto oriundo de uma fonte interna; seus problemas emocionais se expressam, em geral, através de comportamentos não adaptados, não sendo associados pela criança a um sofrimento interno (Bird & Duarte, 2002; Gauy & Guimarães, 2006). Além disso, em não sendo - como o adulto - capaz de informar sobre si, múltiplos informantes são necessários para que se possa realizar diagnóstico competente, através de procedimentos de avaliação cuidadosos e abrangentes e da utilização de várias fontes de informação, como pais, professores, pediatras e outros (Bird & Duarte, 2002; Gauy & Guimarães, 2006).

Mesmo que, entre crianças e adolescentes, a incidência de comportamentos inadequados é estimada entre 15% a 22% da população geral, somente 20 a 25% delas recebem assistência porque a avaliação foi inadequada, ou a comportamentos problemáticos deixaram de ser avaliados, ou ainda porque o diagnóstico pode ficar prejudicado pela variação na manifestação clínica dos transtornos, sobreposição e combinação de respostas comportamentais e emocionais não adaptadas (Gauy & Guimarães, 2006).

Os psicólogos, ao realizarem avaliações de crianças, podem e devem utilizar instrumentos projetivos e psicométricos, visando obter melhor consistência interna na seleção de dados e na integração de resultados (Cunha & Nunes, 1996), e buscar suplementares informações de pais e professores (Bird & Duarte, 2002; Ferdinand, Hoogerheid, Ende, Visser, Koot, Kasius & Verhulst, 2003; Gauy & Guimarães, 2006).

Os testes, instrumentos de observação de amostras de comportamento, e também outras fontes de informação permite aos psicólogos inferir características psicológicas de quem é avaliado de modo a compreender a situação problema apresentada, envolvendo a análise e síntese das informações colhidas, tendo por base os conhecimentos da Psicologia, com o propósito de planejar ações e intervenções para beneficiar quem apresenta o problema, para promover a saúde e o desenvolvimento psíquico. Esse processo não responde somente a quem veio para avaliação psicológica, mas, além das implicações para essa pessoa, tem impacto na sociedade (Primi, 2005).

Como limitação do estudo, pode-se elencar: 1-a experiência dos psicólogos clínicos não foi controlada, o que pode ter sido compensado pelo fato de que estão

acostumados a realizar análise de conteúdo nas sessões psicoterapêuticas, de maneira informal ao lidar com os conteúdos manifestos do paciente, na busca daqueles conteúdos latentes.

Referências Bibliográficas

- Arzeno, M.E.G. (1995). *Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bird, H.R. & Duarte, C.S. (2002). Dados epidemiológicos em psiquiatria infantil: orientando políticas de saúde mental. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24(4), 162-163.
- Bordin, I.A.S. & Paula, C.S. (2007) Estudos populacionais sobre saúde mental de crianças e adolescentes brasileiros. Em M.F. Mello, Mello, A. A. F. & R. Kohn (Orgs). *Epidemiologia da saúde mental no Brasil* (pp. 101-115). Porto Alegre: Artmed, 2007.
- Bornstein, R.F. (2002). A process dissociation approach to objective–projective test score interrelationship. *Journal of Personality Assessment*, 78(1), 47-68.
- Campezatto, P.M. & Nunes, M.L.T. (2007). Caracterização da Clientela das Clínicas-escola de Cursos de Psicologia da Região Metropolitana de Porto Alegre. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (3), 376-388.
- Cunha, J.A. (2000). Estratégias de avaliação: perspectivas em psicologia clínica. Em J.A. Cunha & Cols. *Psicodiagnóstico V* (pp.19-22). Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, J.A., Nunes, M.L.T. (1993). *Teste das Fábulas: forma verbal e pictória*. São Paulo: CETEPP.
- Cunha, J.A. & Nunes, M.L.T. (1996). Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento. Em L. Pasquali (Org.). *Medida projetiva*. (PP. 341-365). Brasília: UNB – INEP.
- Dian, S.V. (2007). *Psicoterapia psicanalítica com crianças: avaliação e resultados*. *Dissertação de mestrado não-publicada*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Duhig, A.M., Renk, K., Epstein, M.K. & Phares, V. (2000). Interparental agreement on internalizing, externalizing and total behavior problems: a meta-analysis. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 7(4), 435-453.
- Ferdinand, R.F., Hoogerheide, K.N., Ende, J.V.D., Visser, H., Koot, H.M., Kasius, M.C. & Verhulst, F.C. (2003). The role of the clinician: three-year predictive

- value of parents', teachers', and clinicians' judgment of childhood psychopathology. *Journal of Psychopathology and Psychiatry*, 44(6), 867-876.
- Fleitlich-Bilyk, B. & Goodman, R. (2004). Prevalence of child and adolescent psychiatry disorders in southeast Brazil. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 43(6), 727-734.
- Fleiss J.L. (1981). *Statistical methods for rates and proportions*. New York: John Wiley.
- Formiga, N.S., & Mello, I. (2000). Testagem psicológica e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. *Psicologia Ciência e Profissão*, 20 (2), 12-10.
- Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (2006). Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg-pulacao.php>, Acessado em 27/11/07.
- Gauy, F.V. & Guimarães, S.S. (2006). Triagem em saúde mental infantil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 5-16.
- Landis, J.R & Koch, G.G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33, 159-154.
- Medeiros, E.B. (1999). *Medidas psico & lógicas: introdução à psicometria*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Nunes, M.L.T., Silva, R.B.F., Deakin, E.K., Dian, S.V. & Campezzato, P.V.M. (2006). Avaliação psicológica e a indicação de psicoterapia psicanalítica para crianças. Em B.S.G Werlang, & M.S. Oliveira (Orgs.). *Temas em psicologia clínica* (pp. 29-35). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (org). (2001). *Técnicas de exame psicológico: fundamentos das técnicas psicológicas* (vol1). São Paulo: Casa do psicólogo
- Patto, M.H. (2000). Para uma crítica da razão psicométrica. Em M.H. Patto. *Mutações do cativo: escritos de psicologia e política* (pp.65-83). São Paulo: Hacker Editores/Edusp.
- Prebianchi, H.B. & Cury, V.E. (2005). Atendimento infantil numa clínica-escola de psicologia: percepção dos profissionais envolvidos. *Paidéia*, 15 (31), 249-258.
- Primi, R. (2005). Desmistificando bolas de cristal. In *Diálogos: Psicologia Ciência e Profissão*, 3, 19-22.
- Rocha, A.C. & Ferreira, E.A.P. (2006). Queixas identificadas em crianças e adolescentes atendidos pelo serviço de Psicologia Pediátrica de um Hospital

- Universitário. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(1), 32-48.
- Romaro, R.A. & Capitão, C.G. (2003). Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da universidade de são francisco. *Psicologia: Teoria e Prática* 5 (1), 111-121.
- Santos, P.L. (2006). Problemas de saúde mental de crianças e adolescentes atendidos em um serviço público de psicologia infantil. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 315-321.
- Sattler, J.M. (1996). Retos en la evaluación infantil. Em J.M. Sattler. *Evaluación infantil* (pp. 3-14). México, D.F.: El Manual Moderno.
- Savahlia, J.A.D. (2007). *Motivos de consulta em crianças de clínicas-escola de cursos de psicologia no Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Siegel S, Castellan N. (1988). *Nonparametric statistics for the behavioral sciences*. 2.ed. New York: McGraw-Hill.
- Sigal, A.M. (2000). Considerações sobre psicodiagnóstico. *Psicanálise e Universidade*, 12-13, 27-43.
- Silvares, E.F.M.; Meyer, S.B.; Santos, E.O.L. & Gerencer, T.T. (2006). Um estudo em cinco clínicas-escolas brasileiras com a lista de verificação comportamental para crianças (CBCL). Em E. F. M. Silvares (Org). *Atendimento psicológico em clínicas-escola* (pp. 59-72). Campinas, São Paulo: Alínea.
- Werlang, B.G. & Argimon, I.I.L. (2003). Avaliação psicológica na prática clínica. Em A.C. Neto, G.J.C Gauer & R. Furtado (Orgs). *Psiquiatria para estudantes de medicina* (pp.294-300). Porto Alegre: Edipucrs.
- World Health Organization, (2001). Disponível em: <<http://www.who.int/whr/2001/en/>>, (Acessado em 27/11/07).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa dissertação cabe salientar que as discussões sobre testes psicológicos é tema constante entre psicólogos; em especial, há atritos em relação à questão de testes projetivos e objetivos. A posição adotada aqui é que os psicólogos, ao ter à disposição duas modalidades de testes, devem aproveitá-las, ao invés de focalizar as dificuldades e não respeitar um ou outro tipo de teste.

Do ponto de vista da avaliação psicológica, principalmente em se tratando de crianças, discute-se se a criança deve/pode ser testada e com que instrumental; além disso, que outras pessoas do contexto da criança são de interesse como fonte de informação.

É desafiador avaliar problemas de cunho psicológico em crianças, pois a mesma está em desenvolvimento, apresenta limitada capacidade de traduzir sofrimento psíquico em palavras; seus problemas emocionais se expressam, em geral, através de comportamentos não adaptados, não sendo associados pela criança a um sofrimento interno (Bird & Duarte, 2002, Gauy & Guimarães, 2006).

O objetivo do estudo empírico dessa dissertação, no intuito de contribuir para a discussão de como avaliar crianças, foi demonstrar que, se uma criança é capaz de expressar seus problemas cuja origem é psicológica via projeção, por não ter maturidade de expressá-los de outra forma – verbal, por exemplo, e que adultos são capazes de reconhecer problemas infantis através de comportamentos não adequados, então, no caso desse estudo, através de sua leitura da projeção de crianças ao Teste das Fábulas, analisada pelas categorias do CBCL, foi possível demonstrar que adultos, no papel de juízes, foram capazes de fazer essa tradução: mundo interno (na projeção ao Teste das Fábulas) para categorias comportamentais. Os valores de medida Kappa atingiram níveis de concordância moderada a quase perfeita. Isso mostra que é um dever dos psicólogos que trabalham com crianças avaliar as mesmas através de múltiplas fontes de informação, tanto de instrumentos projetivos, objetivos, quanto de pais, professores e outras pessoas que convivem com a criança. Com isso, é possível obter informações mais apuradas das características de personalidade da criança em desenvolvimento, e isso permite melhor encaminhamento, o que, por sua vez, é um dos elementos que facilitam a adesão ao tratamento.

Referências Bibliográficas

- Bird, H.R., & Duarte, C.S. (2002). Dados epidemiológicos em psiquiatria infantil: orientando políticas de saúde mental. *Revista Brasileira de Psiquiatria* 24 (4), 162-163.
- Gauy, F.V. & Guimarães, S.S. (2006). Triagem em saúde mental infantil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (1), 5-16.

ANEXOS

ANEXO I

HISTÓRIAS ORIGINAIS DO TESTE DAS FÁBULAS

Fábula Passarinho

“Um papai e uma mamãe pássaros e seu filhote passarinho estão dormindo num ninho, no galho. De repente, começa a soprar um vento muito forte que sacode a árvore e o ninho cai no chão. Os três passarinhos acordam num instante e o passarinho papai voa rapidamente para uma árvore, enquanto a mamãe passarinho voa para outra árvore. O que vai fazer o filhote passarinho? Ele já sabe voar um pouco”.

Fábula do Aniversário de casamento

“É a festa de aniversário de casamento do papai e da mamãe. Eles se amam muito e dão uma bela festa. Durante a festa, a criança se levanta e vai ficar sozinha no fundo do quintal. Por que”?

Fábula do Cordeirinho

“Lá no pasto estão uma mamãe ovelha e seu cordeirinho. O cordeirinho pula todo dia ao lado da mamãe e todas as tardes a mamãe lhe dá um leite quente que ele adora. Mas ele já come capim também. Um dia trouxeram para a mamãe ovelha um cordeirinho que estava com fome, para que a mamãe lhe desse leite. Mas a mamãe ovelha não tem leite bastante para os dois e diz para o seu primeiro cordeirinho: - como eu não tenho leite bastante para os dois, vá então comer capim fresco. O que o cordeirinho vai fazer”?

Fábula do Enterro

“Um enterro está passando pelas ruas da cidadezinha e as pessoas perguntam: quem morreu? Alguém responde: é uma pessoa da família que mora naquela casa. Quem morreu”?

Fábula do Elefante

“Uma criança tem um elefantinho do qual ele gosta muito e que é lindo, com sua tromba bem comprida. Um dia, voltando do passeio, a criança entra em seu quarto e acha seu elefantinho muito diferente. O que ele tem de diferente? Por que ele está diferente”?

Fábula do Objeto Fabricado

“Uma criança conseguiu fabricar um objeto de argila, uma bonita torre, que ela acha lindo, lindo, lindo. O que ela vai fazer com ele? Sua mãe pede o objeto de presente e a criança é livre para dar ou não. O que esta criança vai fazer”?

Fábula do Passeio com a Mãe – Aplicada em Meninos

“Um menino fez um lindo passeio no parque, sozinho com sua mamãe. Eles se divertiram muito juntos. Voltando para casa, o menino acha que seu pai está brabo. Por que”?

Fábula do Passeio com o Pai – Aplicada em Meninas

“Uma menina fez um lindo passeio no parque, sozinha com seu papai. Eles se divertiram muito juntos. Voltando para casa, a menina acha que sua mãe está braba. Por que”?

Fábula da Notícia

“Uma criança volta da escola e sua mãe lhe diz: Não comece já a brincar (a fazer a sua lição), pois tenho uma coisa para lhe contar. O que a mamãe vai lhe contar?”.

Fábula do Sonho Mau

“Uma criança acorda de manhã muito cansada e diz: `ai que sonho mau que eu tive`.Com o que ela sonhou?”

ANEXO II

INSTRUÇÕES PARA O TRABALHO

Você está recebendo 9 histórias de fim aberto que foram completadas por uma criança. Solicitamos que você classifique a parte que a criança criou de acordo com categorias de comportamento. Existem duas categorias abrangentes que são: comportamentos externalizantes e internalizantes.

Os comportamentos externalizantes são atuados diretamente sobre o ambiente externo. Essa categoria de comportamento abrange duas subcategorias que são: quebrar-regras e comportamento agressivo.

Os comportamentos internalizantes não são atuados diretamente no meio ambiente e restringem-se ao âmbito privado da criança. Essa categoria de comportamento abrange três subcategorias que são: Isolamento/retraimento, ansiedade/depressão, queixas somáticas.

A partir disso, marque no parêntese com um X as categorias que melhor descrevem a história.

Exemplo1:

“É a festa de aniversário de casamento do papai e da mamãe. Eles se amam muito e dão uma bela festa. Durante a festa, a criança se levanta e vai ficar sozinha no fundo do quintal. Por que”?

“Porque não estava dando bola para ele então ele se sente abandonado. Daqui a pouco os pais dele perceberam que ele tinha se sentido triste e foram procurá-lo e quando o acharam no fundo do quintal eles o levaram para dentro e passaram a dar mais bola para ele. Então ele ficou mais feliz e seus pais passaram a ficar mais tempo com ele”.

1. Externalizante

- 1.1 Quebrar Regras ()
- 1.2 Comportamento Agressivo ()

2. Internalizante

- 2.1 Isolamento (X)
- 2.2 Ansiedade/Depressão (X)
- 2.2 Queixas Somáticas ()

Nenhuma das Alternativas se aplica ()

Exemplo 2:

“Lá no pasto estão uma mamãe ovelha e seu cordeirinho. O cordeirinho pula todo dia ao lado da mamãe e todas as tardes a mamãe lhe dá um leite quente que ele adora. Mas ele já come capim também. Um dia trouxeram para a mamãe ovelha um cordeirinho que estava com fome, para que a mamãe lhe desse leite. Mas a mamãe ovelha não tem leite bastante para os dois e diz para o seu primeiro cordeirinho: - como eu não tenho leite bastante para os dois, vá então comer capim fresco. – o que o cordeirinho vai fazer”?

“O cordeirinho faz o que sua mãe mandou, pois sabe que o outro cordeirinho estava com fome e ele já poderia comer outro alimento. Então quando o outro acabou de mamar ele tentou fazer amizade com ele e os dois passaram a brincar juntos. Logo depois o outro cordeirinho já podia comer capim e eles se tratavam como irmãos”.

1. Externalizante

1.1 Quebrar Regras ()

1.2 Comportamento Agressivo ()

2. Internalizante

2.1 Isolamento ()

2.2 Ansiedade/Depressão ()

2.2 Queixas Somáticas ()

Nenhuma das alternativas se aplica (X)

ANEXO III

CARTA CONVITE

Prezados (as) Colegas:

Estamos desenvolvendo um trabalho para o qual gostaríamos de contar com a sua colaboração como juízes de uma análise de conteúdo sobre comportamento infantil.

Precisamos de sua colaboração. Se você aceitar colaborar, por favor, ao trabalhar as frases, salve em texto word e devolva em duas semanas por e-mail ou de Melissa Alt (melalt@gmail.com) ou de Maria Lúcia Tiellet Nunes (tiellet@pucrs.br). Contamos com você, caso contrário, não teremos a pesquisa.

Os resultados resumidos serão enviados a você no final da pesquisa.

Muito obrigada.

Melissa dos Santos Alt – Psicóloga e Mestranda em Psicologia Clínica – PUCRS.

Maria Lúcia Tiellet Nunes – Orientadora - Professora e Pesquisadora Titular do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS.